HERANÇA

LIVRO QUARTO DE
O CICLO DA HERANÇA

Christopher Paolini

1001 MUNDOS

A História de Eragon, Eldest e Brisingr

No início existiam dragões: criaturas altivas, ferozes e independentes. As escamas eram como jóias e todos os que contemplavam essas criaturas desesperavam, pois a sua beleza era grandiosa e assustadora.

Durante muitas eras os dragões viveram sozinhos em Alagaësia.

Depois, o deus Helzvog criou os vigorosos e robustos anões de pedra do Deserto de Hadarac.

E ambas as raças guerrearam-se bastante.

A seguir os Elfos viajaram pelo mar prateado, até Alagaësia, e também eles guerrearam com os dragões. Porém, os Elfos eram mais fortes que os Anões e poderiam ter destruído os dragões, tal como estes os poderiam ter destruído a eles.

Por isso os dragões e os Elfos fizeram tréguas, selando um pacto entre si, e dessa aliança criaram os Cavaleiros do Dragão, que mantiveram a paz em Alagaësia, durante milhares de anos.

Entretanto os humanos viajaram por mar até Alagaësia, tal como os Urgals e os Ra'zac – os caçadores das trevas que devoram carne humana –, e os humanos também se reuniram ao pacto com os dragões.

Depois, Galbatorix, um jovem Cavaleiro do Dragão, revoltou-se contra a sua própria espécie, escravizou Shruikan, o dragão negro, e convenceu treze outros Cavaleiros a seguirem-no. Os treze ficaram conhecidos como os Renegados.

Galbatorix e os Renegados derrotaram os Cavaleiros, incendiaram-lhes a cidade, na ilha de Vroengard, e chacinaram todos os dragões que não estavam do seu lado, poupando apenas três ovos: um vermelho, outro azul e um verde. Além disso, procuraram resgatar o maior número possível de Eldunarí – o coração dos corações –, que continha o poder e a mente dos dragões, uma vez separado da sua carne.

Durante oitenta e dois anos, Galbatorix reinou entre os humanos como senhor absoluto. Os Renegados morreram, mas ele não, pois a sua força era a força de todos os dragões e ninguém poderia derrubá-lo.

No octogésimo terceiro ano do reinado de Galbatorix, um homem roubou o ovo de dragão azul do seu castelo e entregou-o aos cuidados de um povo que ainda lutava contra Galbatorix e dava pelo nome de Varden.

O elfo Arya viajou com o ovo entre os Varden e os Elfos, à procura de um humano ou de um elfo para este chocar e assim se passaram vinte e cinco anos.

Depois, ao viajar para a cidade élfica de Osilon, um grupo de Urgals atacou Arya e os seus guardas. Os Urgals estavam acompanhados do Espetro Durza: um feiticeiro possuído pelos espíritos que invocara, para obedecerem às suas ordens, que se tornara o mais temível criado de Galbatorix, após a morte dos Renegados. Os Urgals mataram os guardas de Arya, porém, antes que a capturassem, Arya usou magia e enviou o ovo para alguém que esperava poder protegê-lo.

Mas o feitiço correu mal.

E foi assim que Eragon, um órfão de apenas quinze anos, descobriu o ovo nas montanhas da Espinha e o levou para a quinta onde vivia com o tio, Garrow e o primo, Roran. O ovo chocou para Eragon e ele criou ali o dragão. O seu nome era Saphira.

Entretanto, Galbatorix mandou dois Ra'zac procurar o ovo para o resgatar, e estes mataram Garrow e incendiaram a casa de Eragon. Galbatorix escravizou os Ra'zac que já não eram muitos, na altura.

Eragon e Saphira partiram para se vingarem dos Ra'zac, acompanhados de Brom, o contador de histórias, que fora também um Cavaleiro do Dragão, antes da queda dos Cavaleiros. Era a Brom que o elfo Arya planeara enviar o ovo azul.

Brom ensinou muito a Eragon sobre o manejo de espada, magia e honra e ofereceu-lhe Za'roc, que fora em tempos a espada de Morzan, o primeiro e mais poderoso dos Renegados. Mas os Ra'zac mataram Brom, assim que os encontraram, e Eragon e Saphira escaparam graças à ajuda do jovem Murtagh, filho de Morzan.

Durante as suas viagens, o Espetro Durza capturou Eragon na cidade de Gil'ead, mas Eragon conseguiu fugir e, ao fazê-lo, libertou Arya da sua cela. Arya fora envenenada e estava gravemente ferida, por isso Eragon, Saphira e Murtagh levaram-na para os Varden, que viviam entre os Anões, nas Montanhas Beor.

Arya foi tratada e Eragon abençoou uma bebé chorona que dava pelo nome de Elva. Ele abençoou-a para a proteger do infortúnio, mas pronunciou mal as palavras, amaldiçoando-a sem dar conta, o que a forçou a tornar-se um escudo contra o infortúnio dos outros.

Pouco tempo depois, Galbatorix mandou um grande exército de Urgals atacar os Anões e os Varden. Foi na batalha seguinte que Eragon matou o Espetro Durza. Durza, porém, feriu Eragon gravemente nas costas, fazendo-o padecer de dores horríveis, apesar dos feitiços dos curandeiros dos Varden.

No meio da sua dor ele ouviu uma voz, que lhe disse:

Vem até mim, Eragon, vem até mim, pois eu tenho respostas para todas as perguntas que fizeres.

Três dias mais tarde, o líder dos Varden, Ajihad, sofreu uma emboscada e foi morto pelos Urgals, sob as ordens de dois feiticeiros gémeos que entregaram os Varden a Galbatorix. Os gémeos raptaram também Murtagh, que levaram em segredo até Galbatorix. Mas Eragon e todos os Varden pensaram que Murtagh tinha morrido, pelo que Eragon ficou bastante pesaroso.

Nasuada, a filha de Ajihad, tornou-se líder dos Varden.

De Tronjheim, o centro de poder dos Anões, Eragon, Saphira e Arya viajaram para a floresta de Du Weldenvarden, a Norte, onde viviam os Elfos. O anão Orik, sobrinho de Hrothgar, o rei dos Anões, acompanhou-os.

Em Du Weldenvarden, Eragon e Saphira conheceram Oromis e Glaedr – o último Cavaleiro e dragão ainda livres – que há um século viviam escondidos, na esperança de poder ensinar a geração seguinte de Cavaleiros do Dragão. Eragon e Saphira encontraram-se também com a Rainha Islanzadí, soberana dos Elfos e mãe de Arya.

Enquanto Oromis e Glaedr treinavam Eragon e Saphira, Galbatorix mandou os Ra'zac e um grupo de soldados a Carvahall, a aldeia natal de Eragon, desta vez para capturar o seu primo Roran. No entanto, Roran escondeu-se e eles não o teriam encontrado se não fosse o ódio do talhante Sloan, que ao matar uma sentinela permitiu que os Ra'zac entrassem na aldeia, apanhando Roran desprevenido.

Roran conseguiu desembaraçar-se deles, mas os Ra'zac levaram a sua amada Katrina, filha de Sloan. Depois disso, Roran convenceu os aldeões a partirem com ele. Viajaram pelas montanhas da Espinha até à costa de Alagaësia e, a seguir, até à região de Surda, a Sul, que ainda não estava sob o domínio de Galbatorix.

O ferimento nas costas de Eragon continuava a atormentá-lo, mas durante a Celebração do Juramento de Sangue dos Elfos, onde estes comemoravam o pacto celebrado entre Cavaleiros e dragões, o dragão espectral que os Elfos invocavam no encerramento das festividades curou o ferimento de Eragon, concedendo-lhe, também, a mesma força e rapidez dos Elfos.

A seguir, Eragon e Saphira voaram para Surda, para onde Nasuada tinha conduzido os Varden a fim de lançarem um ataque contra o Império de Galbatorix. Aí os Urgals aliaram-se aos Varden, alegando que Galbatorix lhes confundira a mente, pretendendo vingar-se dele. Entre os Varden, Eragon voltou a encontrar Elva, que crescera prodigiosamente depressa em consequência do feitiço. O bebé chorão dera lugar a uma rapariguinha de três ou quatro anos, com um olhar assustador, pois sentia a dor de todos os que a rodeavam.

Não muito longe das fronteiras de Surda, na escuridão das Planícies Flamejantes, Eragon, Saphira e os Varden travaram uma longa e sangrenta batalha contra o exército de Galbatorix.

Durante a batalha, Roran e os aldeões reuniram-se aos Varden, assim como os Anões que os tinham seguido desde as Montanhas Beor.

Porém, uma figura de armadura polida, montada num dragão cintilante, vermelho, surgiu a Este e matou o rei Hrothgar com um feitiço.

Eragon e Saphira lutaram com o Cavaleiro e com o dragão vermelho, descobrindo que este era Murtagh, ligado a Galbatorix por juramentos impossíveis de quebrar, e que o dragão era Thorn, o segundo ovo a chocar.

Murtagh derrotou Eragon e Saphira com a força do Eldunarí que Galbatorix lhe dera, mas deixou-os partir, porque ainda nutria alguma amizade por Eragon, e porque eram irmãos, ambos filhos de Selena, a consorte favorita de Morzan – como ele próprio explicou a Eragon.

Murtagh despojou Eragon de Zar'roc – a espada do seu pai – e partiu com Thorn das Planícies Flamejantes, tal como o resto das tropas de Galbatorix.

Quando a batalha terminou, Eragon, Saphira e Roran voaram para Helgrind, a sombria torre de pedra, que era o esconderijo dos Ra'zac. Aí mataram um dos Ra'zac e os seus odiosos progenitores – os Lethrblaka –, resgatando Katrina de Helgrind, e nas celas Eragon descobriu o pai de Katrina, cego e moribundo.

Eragon pensou em matar Sloan pela sua traição, mas acabou por afastar essa ideia. Em vez disso, fê-lo mergulhar num sono profundo, dizendo a Roran e a Katrina que o pai dela morrera. Depois pediu a Saphira que

levasse Roran e Katrina de regresso aos Varden, enquanto ele perseguia o último Ra'zac.

Sozinho, Eragon matou o Ra'zac e levou Sloan de Helgrind. Depois de muito pensar, Eragon descobriu o verdadeiro nome de Sloan na língua antiga, a língua do poder e da magia, e, através deste, forçou Sloan a jurar que nunca mais voltaria a ver a filha. Por fim, mandou-o viver com os Elfos. O que Eragon não disse ao talhante foi que os Elfos lhe devolveriam a visão se ele se arrependesse da traição e do assassínio que cometera.

Arya encontrou Eragon a meio caminho dos Varden e os dois regressaram juntos, a pé, através de território inimigo.

Nos Varden, Eragon soube que a Rainha Islanzadí enviara doze feiticeiros elfos, comandados por um elfo chamado Blödhgarm, para o proteger a ele e a Saphira. Eragon tentou remover a maldição de Elva, mas ela continuou a sofrer com a dor dos outros, embora já não se sentisse compelida a salvá-los do seu sofrimento.

Roran casou com Katrina, que estava grávida, e Eragon sentiu-se feliz, pela primeira vez, desde há muito tempo.

Depois Murtagh, Thorn e um grupo de homens de Galbatorix atacaram os Varden. Eragon e Saphira conseguiram contê-los com a ajuda dos Elfos, mas Eragon e Murtagh não conseguiram derrotar-se. Foi uma batalha difícil, pois Galbatorix encantara os soldados para que estes não sentissem dor. Os Varden sofrerem muitas baixas.

Depois disso, Nasuada ordenou a Eragon que visitasse os Anões em representação dos Varden, enquanto eles escolhiam o novo rei. Eragon estava relutante em ir, pois Saphira teria de ficar para proteger o acampamento dos Varden, de qualquer forma ele acabou por ir.

Roran serviu o exército dos Varden e subiu de posto, ao revelar-se um guerreiro hábil e um líder.

Enquanto Eragon estava com os Anões, sete deles tentaram assassiná-lo, e uma investigação revelou que era o clã Az Sweldn rak Anhûin que planeara o ataque. Contudo, a reunião de clãs prosseguiu, Orik foi escolhido como sucessor do seu tio e Saphira reuniu-se a Eragon para assistir à coroação, durante a qual cumpriu a promessa de reparar a adorada estrela de safira dos Anões, que quebrara no combate de Eragon com o Espetro Durza.

Eragon e Saphira regressaram a Du Weldenvarden, onde Oromis revelou ao cavaleiro a verdade acerca da sua herança: Eragon não era filho de Morzan, mas

de Brom, embora ele e Murtagh partilhassem a mesma mãe, Selena. Oromis e Glaedr explicaram também o conceito do Eldunarí, que um dragão poderia decidir expulsar de dentro de si, em vida, embora exigisse uma grande cautela, pois quem possuísse o Eldunarí poderia usá-lo para controlar o dragão de onde ele provinha.

Enquanto estava na floresta, Eragon decidiu que precisava de uma espada para substituir Zar'roc. Ao recordar o conselho que recebera de Solembum, o homem-gato, durante as suas viagens com Brom, Eragon foi até junto da senciente árvore de Menoa, em Du Weldenvarden. Falou com a árvore e esta aceitou ceder-lhe o aço brilhante que tinha sob as raízes, por um preço que não chegou a definir.

Depois, Rhurön, a ferreira elfo – que forjara todas as espadas dos Cavaleiros – trabalhou com Eragon na sua nova espada. A espada era azul e Eragon chamou-lhe Brisingr – "fogo" –, mas a lâmina irrompia em chamas sempre que proferia o seu nome.

Glaedr confiou o seu coração dos corações a Eragon e a Saphira, e eles regressaram aos Varden, enquanto Glaedr e Oromis se reuniam aos outros da sua espécie para atacarem o Norte do Império.

Durante o cerco de Feinster, Eragon e Arya encontraram três feiticeiros inimigos, um dos quais se transformou no Espetro Varaug, mas Arya conseguiu matá-lo com a ajuda de Eragon.

Enquanto isso, Oromis e Glaedr lutavam com Murtagh e Thorn. Porém, Galbatorix controlou a mente de Murtagh, servindo-se do seu braço para matar Oromis, enquanto Thorn eliminava Glaedr.

Apesar da vitória dos Varden em Feinster, Eragon e Saphira choraram a morte do seu mestre, Oromis. Porém os Varden seguiram em frente e marcham, neste momento, no coração do Império, rumo à capital, Urû'baen, onde Galbatorix os espera, altivo e confiante, pois a sua força é a força de todos os dragões.

A BRECHA

dragão Saphira rugiu e os soldados diante dela encolheram-se.

– Digam comigo! – gritou Eragon, levantando Brisingr acima da cabeça e erguendo-a bem alto no ar, para que todos a vissem. A espada azul irradiou um brilho, intenso, iridescente, em contraste absoluto com a parede de nuvens negras que se estava a formar a Oeste. – Pelos Varden!

Uma flecha passou perto dele com um zunido, mas ele não lhe deu importância.

Os guerreiros reunidos na base do amontoado de entulho, em cima do qual se encontravam Eragon e Saphira, responderam-lhe em uníssono, gritando a plenos pulmões:

– Pelos Varden! – estrondearam, brandindo as suas armas e subindo, de imediato, pelos blocos de pedra caídos.

Eragon virou costas aos homens. Do outro lado do amontoado de pedras havia um grande pátio. Cerca de duas centenas de soldados do Império estavam reunidos no interior. Atrás deles erguia-se uma fortaleza escura, com janelas estreitas como fendas e várias torres quadradas; a mais alta tinha uma lanterna acesa numa das salas superiores. Eragon sabia que Lord Bradburn, o governador de Belatona – a cidade que os Varden queriam conquistar e pela qual lutavam há longas horas – estava algures dentro da fortaleza.

Eragon gritou e saltou da pilha de cascalho, em direção aos soldados. Os homens recuaram atrapalhadamente, embora mantivessem as

lanças e os piques apontados para a brecha irregular que Saphira abrira na muralha exterior do castelo.

Eragon torceu o tornozelo direito ao cair, aterrando de joelhos e apoiando-se no chão com a mão que empunhava a espada.

Um dos soldados aproveitou para correr para fora da formação e tentou golpear a garganta exposta de Eragon com a lança.

Eragon aparou o golpe com um movimento brusco do pulso, brandindo Brisingr com demasiada rapidez para os olhos de um humano ou de um elfo. Ao aperceber-se do seu erro, o soldado empalideceu de pavor e tentou fugir, mas conseguiu apenas mover-se uns escassos centímetros antes de Eragon o atacar e atingir no ventre.

Saphira saltou para o pátio, atrás de Eragon, expelindo um jato de chamas azuis e amarelas. Ele baixou-se, firmando as pernas, quando o dragão embateu no chão pavimentado. Todo o pátio estremeceu com o impacto. Grande parte das lascas de vidro que compunham um grande mosaico colorido, em frente da fortaleza, soltaram-se e voaram rodopiando pelo ar como moedas a ressaltarem num tambor. Lá em cima, duas portadas de uma janela do edifício abriram-se e fecharam-se ruidosamente.

Arya acompanhou Saphira e os seus longos cabelos negros ondularam selvaticamente em torno do rosto angular, ao saltar da pilha de cascalho. Tinha os braços e o pescoço salpicados de sangue e a lâmina da espada manchada de sangue seco. Ao aterrar no pátio, os seus sapatos produziram um ruído suave de cabedal a roçar na pedra.

A sua presença encorajou Eragon, pois era quem mais desejava ter junto de si e de Saphira, a lutar. Considerava-a a parceira perfeita para o proteger.

Sorriu-lhe brevemente e Arya retribuiu-lhe de igual modo, com uma expressão feroz e jovial. Em combate a sua postura reservada dava lugar a uma abertura que raramente revelava noutros momentos.

Eragon escondeu-se atrás do escudo ao ver surgir uma cortina ondulante de chamas azuis entre eles. Por baixo do aro do elmo viu Saphira banhar os soldados encolhidos numa torrente de chamas que fluíam em torno deles, sem contudo lhes tocar.

Uma série de archeiros nas ameias da fortaleza dispararam uma saraivada

de flechas a Saphira. O calor por cima dela era de tal forma intenso que algumas das flechas incendiaram-se em pleno ar, nada restando delas para além de cinzas. As outras foram desviadas pelos feitiços de proteção que Eragon erguera em torno de Saphira. Uma flecha perdida ricocheteou no escudo de Eragon, com um ruído surdo, amolgando-o.

A coluna de chamas envolveu, de súbito, três dos soldados, matando-os tão rapidamente que estes não tiveram sequer tempo para gritar. Os outros soldados agruparam-se no centro do inferno de chamas. As pontas das lanças e os piques refletiam clarões de luz azul-clara.

Por muito que tentasse, Saphira não conseguia sequer chamuscar os sobreviventes, acabando por desistir de o fazer e cerrando definitivamente as mandíbulas com um estalido seco. Na ausência do fogo, o pátio ficou assustadoramente silencioso.

Eragon deduziu que, tal como antes, quem concedera os feitiços de proteção aos soldados devia ser um feiticeiro hábil e poderoso. "Teria sido Murtagh?", pensou. Se assim fosse, porque não estava ele ali com Thorn a defender Belatona? Galbatorix não se preocupa em manter o controlo das suas cidades?

Eragon correu para diante, cortando o topo de uma dúzia de alabardas com um único golpe de Brisingr, tão facilmente como quando cortava a cabeça das sementes dos talos de cevada, em criança. Golpeou o soldado mais próximo no peito e cortou-lhe a cota de malha como se fosse feita de pano fino. O sangue jorrou em torrente. Eragon atingiu o soldado seguinte, golpeou o soldado à sua esquerda com o escudo e atirou-o contra três dos seus companheiros, derrubando-os.

As reações dos soldados pareciam-lhe lentas e desajeitadas, enquanto se movia por entre as suas hostes, golpeando-os impunemente. Saphira envolvera-se num combate à sua esquerda – golpeando os soldados no ar, com as enormes patas, chicoteando-os com a cauda de espigões, mordendo-os e matando-os com uma sacudidela da cabeça. Enquanto isso, à sua direita, Arya era como uma mancha de movimento e cada golpe da sua espada assinalava a morte de um vassalo do Império. Quando Eragon se virou para se esquivar de duas lanças, viu que Blödhgarm, o elfo coberto de pelo, e os outros onze elfos destacados para o proteger a ele e a Saphira o seguiam de perto.

Mais atrás, os Varden entravam aos magotes no pátio, através da brecha na muralha exterior do castelo, mas decidiram não atacar, pois era demasiado perigoso aproximarem-se de Saphira. Nem ela nem Eragon ou os elfos precisavam de ajuda para se desembaraçarem dos soldados.

Pouco depois, o combate separou Eragon de Saphira, levando-os para extremos opostos do pátio, mas Eragon não estava preocupado. Mesmo sem as suas proteções Saphira estava mais do que apta a derrotar um grupo de vinte ou trinta humanos, sozinha.

Uma lança resvalou no escudo de Eragon, ferindo-lhe o ombro, e Eragon virou-se para o seu atacante, um homem enorme cheio de cicatrizes, sem os dentes da frente do maxilar inferior, e correu na direção dele. O homem tentou tirar uma adaga do cinto, mas no último instante, Eragon torceu-se, retesou os braços e o peito, batendo no esterno do homem com o ombro dorido.

O soldado foi projetado vários metros para trás, com a força do impacto, e caiu agarrado ao coração.

Depois, uma saraivada de flechas de penas negras precipitou-se sobre eles, matando ou ferindo muitos dos soldados. Eragon escondeu-se para se proteger dos projéteis, cobrindo-se com o escudo, embora estivesse confiante de que a sua magia o iria proteger. Não seria bom tornar-se descuidado, pois qualquer feiticeiro inimigo poderia disparar uma flecha encantada, capaz de penetrar nas suas proteções.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios. Os archeiros, lá em cima, tinham percebido que a sua única esperança de vitória era matar Eragon e os elfos, independentemente do número de homens que tivessem de sacrificar.

"Demasiado tarde", pensou Eragon, com uma satisfação sinistra. Deviam ter abandonado o Império enquanto ainda podiam.

O violento e ruidoso ataque das flechas, permitiu-lhe descansar, um momento que acolheu de bom grado. O ataque à cidade começara ao romper do dia e ele e Saphira tinham passado todo o tempo na frente de batalha.

Assim que as flechas cessaram, Eragon passou Brisingr para a mão esquerda, apanhou uma das lanças dos soldados e arremessou-a aos archeiros, que estavam doze metros acima. Como já antes concluíra, era

necessário ter uma prática considerável para arremessar lanças com precisão, por isso não o surpreendeu não atingir o homem ao qual a apontara. O que o surpreendeu foi o facto de não atingir nenhum dos archeiros alinhados nas ameias. A lança passou por eles e estilhaçou-se na muralha do castelo, por cima da sua cabeça. Os archeiros riram-se e desdenharam dele, fazendo-lhe gestos grosseiros.

Um movimento rápido na sua visão periférica chamou-lhe a atenção e ele virou-se ainda a tempo de ver Arya arremessar a sua lança aos archeiros e empalar dois que estavam lado a lado. Arya apontou depois para os homens com a espada e disse:

– Brisingr! – e a lança irrompeu em chamas verde-esmeralda.

Os archeiros recuaram para longe dos cadáveres em chamas e, fugiram das ameias como se fossem um só, aglomerando-se junto das entradas que conduziam aos andares de cima do castelo.

– Isso não é justo – disse Eragon. – A minha espada desata a arder como uma fogueira sempre que uso esse feitiço.

Arya olhou-o com um ar vagamente divertido.

A luta prosseguiu durante mais alguns minutos, durante os quais os soldados que restavam, renderam-se ou tentaram fugir.

Eragon permitiu que os cinco homens que tinha diante de si fugissem, pois sabia que não iriam longe. Depois de um rápido exame aos corpos estendidos em seu redor, para confirmar se estavam de facto mortos, olhou para o outro lado do pátio. Alguns dos Varden tinham aberto o portão da muralha exterior e estavam a transportar um aríete ao longo da rua que conduzia ao castelo. Outros reuniam-se em filas irregulares junto à porta da fortaleza, prontos para entrar no castelo e defrontar os soldados no interior. Entre eles estava Roran, o primo de Eragon, a gesticular com o martelo que trazia sempre consigo, enquanto dava ordens ao destacamento que comandava. Saphira estava agachada sobre os cadáveres das suas vítimas, do lado oposto do pátio, com um perfeito caos em seu redor. Tinha gotas de sangue agarradas às escamas semelhantes a jóias. As manchas vermelhas contrastavam assombrosamente com o azul do seu corpo. Atirou a cabeça espinhosa para trás e rugiu triunfante, abafando o alarido da cidade com a ferocidade do seu grito.

Depois, Eragon ouviu a trepidação de engrenagens e correntes, no

interior do castelo, seguida do ruído de pesadas traves de madeira a arranharem umas nas outras, ao serem puxadas para trás. Os ruídos chamaram a atenção de todos para as portas da fortaleza.

As portas separaram-se, abrindo com um estrondo seco. Uma espessa nuvem de fumo oriunda das tochas acesas no interior ondulou para o exterior, provocando tosse aos Varden que estavam mais próximos e obrigando-os a cobrir o rosto. Algures, nas profundezas da escuridão, ouviu-se o matraquear de cascos ferrados nas pedras do pavimento, e depois um cavalo e um cavaleiro irromperam do meio do fumo. O cavaleiro empunhava algo na mão esquerda que Eragon, a princípio, julgou ser uma lança vulgar, mas depressa reparou que era feita de um estranho material verde e tinha uma lâmina serrilhada, forjada num padrão desconhecido. Um ligeiro brilho envolvia a ponta da lança, uma luz pouco natural que denunciava a presença de magia.

O cavaleiro puxou pelas rédeas e guiou o cavalo na direção de Saphira que se empinou nas patas traseiras, preparando-se para desferir um terrível golpe mortal com a pata dianteira direita.

A preocupação dominou Eragon. O cavaleiro parecia demasiado confiante e a lança era demasiado diferente e assustadora. Embora estivesse supostamente protegida pelas suas defesas, Eragon tinha a certeza de que Saphira corria perigo de vida.

"Não vou conseguir alcançá-la a tempo", concluiu. Dirigiu os seus pensamentos para o cavaleiro, mas o homem estava de tal forma concentrado na sua missão que nem sequer deu pela presença de Eragon, e sua concentração inabalável permitiu apenas que Eragon acedesse superficialmente à sua consciência. Fechando-se em si mesmo, Eragon reviu meia dúzia de palavras da língua antiga e compôs um feitiço simples para imobilizar o cavalo de guerra, que avançava a galope. Era um ato de desespero, pois Eragon não sabia se o cavaleiro também era feiticeiro, nem que precauções tomara para evitar ser atacado por magia – mas não estava disposto a ficar ali parado, estando a vida de Saphira em perigo.

Encheu os pulmões de ar, recordando a si mesmo a pronunciação correta de alguns sons mais difíceis na língua antiga, e depois abriu a boca para proferir o feitiço.

Foi rápido, mas os elfos foram ainda mais rápidos, e antes que ele